

# IDENTIDADES MASCULINAS: LIMITES E POSSIBILIDADES\*

## (Male identities: limits and possibilities)

May-Lin Wang<sup>1</sup>  
Bernardo Jablonski<sup>2</sup>  
Andréa Seixas Magalhães<sup>3</sup>

### Resumo

O presente trabalho toma por base uma abordagem psicossocial para discorrer sobre os limites impostos pelos estereótipos de gênero à construção de uma identidade masculina, em contraposição às possibilidades de subjetivação, num cenário cultural de pluralidade identitária. Ênfase é dada à socialização estereotipada dos meninos, num processo no qual se verifica uma espécie de superposição do contexto socio-histórico em que cresceram os pais àquele no qual o menino é socializado, acentuando determinadas crenças sobre gênero. O modelo tradicional de virilidade, que imperava inquestionável até bem pouco tempo, ignorando as necessidades afetivas e valorizando características como a competitividade, a preocupação com o desempenho, o autoritarismo, a dominação e a opressão, vem sendo questionado como pilar maior da identidade masculina tradicional.

Palavras-chave: Identidades masculinas; Subjetivação; Pluralidade identitária; Estereótipos.

Definir é matar, sugerir é criar. (S. Mallarmé)

Apesar de as diferenças entre os sexos poderem ser interpretadas de variadas formas, dependendo da sociedade que se tome como referência, a diferenciação sexual parece ser um dado universal. Quanto ao termo “identidade de gênero”, é comum seu emprego para caracterizar os aspectos do eu, relevantes na categoria gênero, que contribuem para a consciência que um indivíduo tem do próprio sexo. Resumidamente, a identidade de gênero diz respeito aos significados e traços que um indivíduo porta e representa como masculinos ou femininos.

No âmbito da psicologia social, Spence (1985) propôs um modelo de identidade de gênero que enfatiza a multidimensionalidade e a variação individual. De acordo com essa perspectiva, o sentimento típico de ser masculino ou feminino permanece constante, mas os traços e comportamentos que dão suporte à identidade construída podem variar muito entre diferentes sociedades, diferentes pessoas de uma mesma sociedade e em diferentes momentos da vida de uma mesma pessoa. Por essa razão, os termos “masculino” e “feminino” podem acionar um conjunto de representações socialmente acordadas, mas a masculinidade e a feminilidade de cada um pode ser definida em termos mais variados e idiossincráticos.

---

\* Texto recebido em março/2006 e aprovado para publicação em junho/2006.

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia Clínica (PUC Rio) e membro associado do Fórum do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. E-mail: maywang.e@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia Social (FGV-Rio) e professor da PUC Rio. E-mail: bjablonski@uol.com.br.

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia Clínica (PUC Rio) e bolsista Prodoc/Capes do Departamento de Psicologia da PUC Rio. E-mail: andreasm@psi.puc-rio.br

Um tipo comum de abordagem sociopsicológica considera o gênero como uma categoria de pertencimento a um grupo social dada através de um processo de identificação, no qual um indivíduo cria ligações entre o *self* e uma ou mais pessoas. Assim, ao se dizer homem ou mulher, o indivíduo não apenas se autoidentifica, como também se identifica com um grupo de pessoas que compartilham a mesma categoria de pertencimento e, presumivelmente, as mesmas características relevantes daquela categoria. Uma variante dessa abordagem considera o gênero não como uma única categoria de pertencimento, mas como um conjunto delas. Nessa última perspectiva, o termo “identidade de gênero” é substituído pelo conceito de identidades de gênero, uma vez que diferentes características relacionadas a gênero engendram variadas representações e identificações masculinas e femininas, conforme o contexto social. Ou seja, traços de personalidade, atributos físicos, papéis sociais como maternidade e paternidade, orientação sexual, habilidades pessoais, escolhas profissionais e interesses recreacionais, por exemplo, podem constituir diferentes formas de identificação social atreladas ao gênero (Deaux e LaFrance, 1998). Nessa abordagem, a constituição biológica é insuficiente para explicar as diferenças entre os sexos e múltiplas variações podem ser encontradas em diferentes culturas e épocas. No que tange à identidade masculina, o par de cromossomos XY não garante, *per se*, o seu pleno desenvolvimento.

## A socialização estereotipada dos meninos

Como a questão da construção psíquica da masculinidade se encontra sempre inserida num contexto social, faz-se mister examinar como se dá o processo de socialização através do qual o menino será transformado num homem adulto. Esse processo contará com a participação ativa de todos aqueles que lidam direta ou indiretamente com ele, e será responsável por sua aproximação dos ideais culturais da sociedade a que pertence. Esses ideais definem papéis, prescrevem padrões e ditam normas de comportamento que fazem parte do sistema de crenças lenta e continuamente apresentado ao menino.

Forte, confiante, ativo, destemido, determinado, realizador, independente, objetivo, pragmático, racional, emocionalmente equilibrado, profissionalmente competente, financeiramente bem-sucedido e sexualmente impositivo são algumas das descrições pertinentes ao modelo ideal de masculinidade. A essa lista podem ser acrescidos adjetivos de conotação mais pejorativa, como frio, insensível, agressivo, arrogante, dominador, autoritário, violento e opressor. Sabe-se que uma mulher também pode ter todas essas características, durante muito tempo consideradas inerentes à “natureza” masculina e, até hoje, os estereótipos de gênero têm forte influência no cotidiano de homens e mulheres. Inicialmente, a influência desses estereótipos se faz presente na socialização do menino, através da relação com os pais. Mais tarde, à medida que travar contato com outros membros da comunidade, novas representações poderão ser acrescentadas, enquanto outras serão reforçadas ou eliminadas.

Na relação com os pais, os estereótipos de gênero serão evidenciados, não apenas através da maneira como o menino é educado, mas sobretudo através de como esses estereótipos são vivenciados pelos próprios pais. Assim, o “tipo de homem” que é o pai e o “tipo de mulher” que é a mãe revelam, de forma mais silenciosa e menos óbvia, modelos de masculinidade e feminilidade que terão papel fundamental no seu desenvolvimento. As histórias pessoais dos pais, para além dos contextos familiares de origem, também foram atravessadas pelas representações de mulher e de homem vigentes à época do desenvolvimento de suas próprias identidades. Dá-se, assim, uma espécie de superposição do contexto socio-histórico no qual os pais cresceram àquele no qual o menino é socializado, reforçando ou não determinadas crenças sobre gênero. A visão de mundo a ser construída pelo menino levará

também em consideração a observação da dinâmica estabelecida entre o casal parental. A crença na superioridade masculina, por exemplo, pode ter raízes na forma como seus pais interagem e nos papéis que assumem na relação um com o outro (Nolasco, 1993).

Os próprios modelos de paternidade e maternidade influenciam a relação entre os pais e o filho. Essa relação se dá num contexto social mais amplo que, além de inúmeras conseqüências psíquicas, vai deixar suas marcas na subjetividade em construção. A própria ausência paterna, tão discutida atualmente, pode ser considerada fruto de uma ideologia que excluiu o homem, durante muito tempo, da vida privada, já que os mesmos ideais que limitavam a mulher ao espaço doméstico restringiam o homem ao espaço público. Talvez por isso a ausência do pai possa ser estimulada, consciente ou inconscientemente, pelo desejo da mãe de “ter” o filho só para si, de modo a manter o máximo controle possível sobre o território que lhe foi instituído (Burdon, 1998; Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro, 2004; Rocha-Coutinho, 1994).

Seja como for, todo menino passa por um longo período de aprendizagem sobre o que se espera dele como representante do sexo masculino, gradativamente apresentado aos significados culturais, mais ou menos estereotipados, vinculados à sua constituição anatômica. Há, inegavelmente, inúmeros fatores que contribuem para que ocorram variações no plano individual, mas alguns pontos desse processo são comuns, mesmo quando se observam culturas bastante distintas.

O modelo de virilidade que imperou inquestionável até bem pouco tempo deu origem a um processo de socialização opressivo e estereotipado, através do qual o menino aprende a ignorar suas necessidades afetivas, desvalorizando aquilo que sente e ignorando seus desejos mais íntimos. Meninos crescem estimulados a ser livres e independentes, a contar vantagens e alardear seus méritos, desenvolvendo o senso de competitividade como uma das principais características à sobrevivência na vida adulta. A preocupação com o desempenho será uma constante ao longo de toda a vida e, desde cedo, eles são incentivados a participar de atividades e jogos nos quais só há duas possibilidades: vencer ou perder. É como se não existisse o prazer pelo jogo em si, independentemente de seus resultados. O perdedor é invariavelmente desprestigiado e o vencedor é enaltecido e festejado, já que essa é a lógica masculina freqüentemente observada na esfera pública, cujos ideais foram intensamente reforçados pelos valores do capitalismo liberal. Na disputa por trabalho, mesmo em tempos de estabilidade econômica, a competitividade é estimulada, pois não é fácil garantir um lugar ao sol e, menos ainda, fazer com que ele brilhe mais para si do que para os outros. O trabalho é a principal maneira de inserção no mundo público e, portanto, um dos pilares sobre o qual se ergue a identidade masculina tradicional. Talvez não seja demasiado supor que, em alguns casos, o sucesso profissional, tão central à vida do homem, pode ser até confundido com realização pessoal (Wang, 2004).

O reconhecimento da masculinidade está atrelado à necessidade interna de sentir e agir como homem, o que implica uma série de cuidados específicos, incluindo o controle das emoções e do próprio corpo. Assim, por exemplo, o gestual masculino deve ser ajustado a parâmetros preestabelecidos, pois, para construir o que se convencionou chamar um “homem de verdade”, é preciso, antes de tudo, garantir que ele seja “macho”. “Para de chorar e fala que nem homem, rapaz!”, “medo é coisa de mulherzinha” e expressões afins indicam que a virilidade que se espera de um homem não vem pronta, precisa ser arduamente conquistada.

Levado ao extremo, o controle emocional e corporal culmina numa espécie de embotamento afetivo, restringindo ao órgão sexual as inúmeras possibilidades do prazer masculino e, por essa razão, a sexualidade masculina sofre também um empobrecimento. O autocontrole traça o caminho inverso do autoconhecimento e o homem fica à mercê do desconhecimento de si próprio, atribuindo ao pênis toda a responsabilidade pela obtenção de satisfação sexual. Decorre daí a freqüente obsessão

com as dimensões do órgão sexual masculino, bem como com a quantidade e a qualidade de suas ereções (Betcher e Pollack, 1993; DaMatta, 1997; Nolasco, 1988 e 1993).

O ideal patriarcal teve, sem dúvida, uma influência funesta sobre o modelo ocidental de masculinidade. Assim, os desempenhos profissional e sexual tornaram-se as principais referências para a construção do ideal de comportamento masculino e, dessa forma, limitaram as possibilidades de realização existencial de um homem à esfera do trabalho, ao acúmulo de dinheiro e de patrimônio, ao desenvolvimento intelectual voltado principalmente para o aprimoramento profissional, e a uma vida sexual tão intensa quanto possível. Um desempenho profissional ou sexual pouco satisfatório constitui fracasso, de difícil elaboração, reforçando ainda mais a carga já existente dos estereótipos. Em alguns casos, a conjunção desses fatores pode levar o homem a fazer da violência a principal alternativa de defesa contra o sentimento de frustração e menos-valia. Uma vez aprendida a lição, o menino já não chora, mas bate.

A agressividade é uma qualidade inerente ao ser humano, independente de sexo ou idade, o que significa que não é exclusividade natural dos homens, como pode ser indiscriminadamente sugerido. Por diversas razões, eles são levados a comportamentos violentos, como uma válvula de escape para emoções represadas, desde estágios muito precoces. Para Betcher e Pollack (1993), que reinterpretaram o mito edípiano e elaboraram a problemática masculina como oriunda do chamado Complexo de Laio, a agressividade masculina remete diretamente a uma relação insatisfatória entre pai e filho. Para Stoller (1985) e Badinter (1986 e 1992), a agressividade, quando direcionada exclusivamente às mulheres, é resultado de uma reação inconsciente ao desejo frustrado de retorno à simbiose materna e à feminilidade originária.

Assim, o modelo de masculinidade, que se define apenas em termos de uma virilidade limitada, empobrecida e além de tudo associada a características como autoritarismo, dominação e opressão, costuma ser alvo de freqüentes críticas. Como afirma Badinter (1992), esse modelo é “fonte de alienação para os homens e de desentendimento com as mulheres” e vem sendo progressivamente questionado e repensado nos últimos anos. Por essa razão, o célebre enunciado de Simone de Beauvoir tem sido adaptado por diferentes autores para descrever a compreensão que hoje se tem da masculinidade: “O homem não nasce homem, ele se torna homem”. Se a masculinidade não é um dado meramente biológico, pode ser socialmente reconstruída, de modo que a biologia não seja tomada como um destino inexorável ou inelutável.

## Crise masculina: perigo ou oportunidade?

O processo de industrialização, iniciado na Europa no século XVIII, promoveu uma drástica transformação, não somente nos meios de produção, mas também em diversos aspectos da vida de homens e mulheres. Até então, cada família se organizava sobretudo como unidade econômica na qual todos os membros participavam, de uma forma ou de outra, para a sobrevivência do grupo familiar. Em termos socioeconômicos, com o deslocamento do trabalho para fora do espaço doméstico, a família foi deixando de ser uma unidade de produção para se tornar uma unidade de consumo. Apesar da utilização da mão-de-obra feminina e infantil, num primeiro momento, o trabalho fabril era basicamente masculino. Como resultado, efetivaram-se mais uma vez, e talvez com mais nitidez, a divisão sexual do trabalho e a cisão entre os espaços público e privado, cabendo o primeiro aos homens e o segundo às mulheres.

Em virtude dessa segmentação, as representações tradicionais de feminilidade e de masculinidade remetiam, durante muito tempo, direta e exclusivamente, a essas duas esferas da vida. Até o advento

das primeiras conquistas feministas, a concepção de mulher como soberana, no imaginário social, estava vinculada à maternidade, aos afazeres domésticos e ao cumprimento do “papel de esposa” no que concerne à satisfação das necessidades sexuais do marido. Por seu turno, a masculinidade era indissociável da imagem do homem provedor e protetor da família. Os meninos cresciam sabendo que deveriam tornar-se fortes, independentes e financeiramente bem-sucedidos, de modo a promover o conforto material de suas futuras famílias, enquanto o desenvolvimento das habilidades necessárias ao conforto emocional ficava a cargo das meninas (Badinter, 1986; Jablonski, 1998; Shoumatoff, 1985; Wang, 2004).

Hoje, a situação é bem diferente: poucos homens conseguem se manter no lugar de provedor exclusivo da família, que em geral não pode abrir mão do salário da mulher para custear boa parte das despesas com escola, planos de saúde, supermercado ou outros itens do orçamento doméstico, como no caso das classes médias urbanas. No trabalho, frequentemente, os homens disputam com as mulheres, que desempenham as mesmas tarefas e funções, tão bem ou até melhor do que eles. Além disso, sexualmente, a mulher deixou de ser apenas objeto da satisfação masculina e agora exige também ser satisfeita. Assim, dois aspectos cruciais sobre os quais se apoiava a concepção patriarcal de masculinidade se encontram fortemente abalados: trabalho e sexualidade (Nolasco, 1993).

Inúmeros casos de disfunção sexual masculina, dentre os quais figuram a impotência e a ejaculação precoce, têm sido justificados como conseqüência da insegurança que a nova mulher está causando nos homens que insistem em permanecer antigos ou que ainda não sabem qual a melhor forma de se atualizar (Barasch, 1997; Diehl, 2002). Mas restringir o fenômeno que alguns autores denominaram “crise de masculinidade” ao exame das transformações resultantes do feminismo parece insuficiente, uma vez que estamos todos vivendo uma redefinição do próprio sentido de identidade, como resultado de uma “radicalização do individualismo”, que nos desafia com subjetividades cada vez mais voláteis e instáveis (Bauman, 1997 e 2000; Nolasco, 1993).

Sem dúvida, o feminismo colocou em pauta uma série de questões fundamentais à revisão dos papéis de gênero e das relações de poder que se estabeleceram entre os sexos durante a vigência do patriarcado. O movimento *gay* também tem contribuído significativamente para a quebra de estereótipos que se tornaram obsoletos, sejamos mulheres, homens, hetero ou homossexuais. Pode-se dizer que a crítica ao que ficou conhecido como “falocracia” teve caráter determinante na redefinição de papéis sociais, hoje já bem mais flexibilizados. Mas a problemática masculina, juntamente com as questões das ditas minorias, está inserida num contexto social bem mais amplo, que espelha um quadro geral de incertezas, no qual, segundo Sennett (1974), a esfera pública entrou em declínio, como decorrência de uma supervalorização da vida privada e da intimidade.

Ramos (2000) ressalta que a crise masculina talvez não seja um fenômeno isolado, pois, ao que parece, estar em crise é um estado típico da contemporaneidade. Mas será que atravessar períodos de crise não faz parte da própria construção da história da humanidade? Momentos de grandes rupturas são sempre portadores de muitas dúvidas e suscitam insegurança e ansiedade. No entanto, são esses períodos que nos permitem encontrar novas perspectivas e modos de existência que nos mantêm em movimento por mais algum tempo. Tempos de incerteza para uns, tempos enriquecedores para outros... Numa análise pormenorizada dos ideais individualistas, Bauman (1997) fala sobre a busca desenfreada de liberdade e do direito de escolha, em detrimento de valores como segurança e estabilidade.

Para melhor entendermos o momento atual, é preciso lembrar que a liberdade individual, como valor a ser buscado, teve suas sementes plantadas há mais de 200 anos. As reivindicações do povo francês por liberdade, igualdade e fraternidade, enunciadas em Assembléia Nacional em 29 de agosto de 1789, tornaram-se um marco para todo o Ocidente. Portanto, se hoje os grupos conhecidos

como minorias têm a possibilidade de lutar por seus direitos à liberdade e à igualdade, isso se deve a um amadurecimento dos ideais que, antes de se firmarem, talvez ainda precisem provocar mais algumas revoluções (Wang, 2005).

Assim, ao tentarem redefinir seus lugares numa sociedade eminentemente patriarcal, as mulheres e os homossexuais levaram os homens a fazer o mesmo. De um modo ou de outro, estes teriam de fazê-lo em algum momento. As reivindicações de mulheres e *gays*, de fato, proporcionaram maior visibilidade a uma crise que já vinha sendo gestada também por outras vias. Seus questionamentos tiveram como mérito evidenciar o que tem sido apontado como a fragilidade inerente à própria masculinidade (Badinter, 1992; Diehl, 2002; Ramos, 2000; Trevisan, 1997).

Nesse novo estágio da modernidade, o homem está sendo levado a repensar os limites de seus próprios direitos e obrigações e, mais do que isso, a repensar suas necessidades individuais para além dos estereótipos instituídos pela lógica patriarcal. Está sendo levado, enfim, a repensar as bases de sua própria identidade.

Para Elder (2005), o homem não pediu para ter seus papéis redefinidos, o que explicaria, em parte, sua relutância em mudar. O que antes definia um bom marido – ser um provedor, protetor, independente, objetivo, racional – hoje não é mais suficiente, uma vez que as mulheres querem também um confidente, uma alma gêmea e alguém que divida, em condições de igualdade, as cargas da vida doméstica. Curiosamente, o modelo de masculinidade do passado conduz, hoje, à perda do afeto das mulheres (Farrel, *apud* Elder, 2005).

Apesar de serem fontes de questões importantíssimas, feminismo e movimento *gay* não são as causas da crise masculina, mas peças de um mesmo jogo, de âmbito social bem mais abrangente. Feminismo, movimento *gay* e crise masculina fazem parte de uma espécie de dominó cultural, constituído de inúmeras peças entremeadas de tal forma que produzem efeitos contagiantes umas sobre as outras, efeitos que se propagam, levando o movimento de uma ao das demais. É possível que a metáfora do efeito dominó, como habitualmente se conhece, não seja a mais adequada para o que queremos exemplificar, pois o que temos em mente é o desenho de uma trama social bastante complexa – como o de uma rede, talvez – na qual não há, necessariamente, implicação de seqüência, pois o movimento pode ter início em qualquer uma das peças, tomar qualquer direção e se propagar, indistintamente, através das demais. Seja como for, o que queremos ilustrar é a idéia de que todas as manifestações da contracultura, o que também incluiu as reivindicações estudantis, o movimento *hippie* e a defesa da androginia, são elementos de uma interação social em mutação, na qual evidenciou-se, de forma talvez definitiva, a instabilidade das bases em que se apoiava a masculinidade que já não tinha mais do que se orgulhar.

É mais num cenário de valorização de singularidades do que de identidades, de estímulo à pluralidade em lugar de padrões rígidos. Cenário em que os valores patriarcais e viris têm sido ostensivamente contestados. À medida que a valorização das diferenças individuais abre espaço ao elogio do feminino e dos valores a ele associados, como delicadeza, expressividade e atenção para com as necessidades alheias, observa-se uma concomitante depreciação do masculino identificado como violento, dominador, egoísta e ganancioso. O incentivo às atitudes até então restritas à esfera da intimidade anunciou a “decadência moral do homem ocidental” e equiparou o feminino aos valores humanos mais desejados (Badinter, 1986 e 1992; Darcy de Oliveira, 1991; Sennett, 1974).

A crítica impetrada contra a lógica falocêntrica tratou o homem como sinônimo de todas as características negativas associadas ao patriarcado, e o discurso, inicialmente inovador, provou-se um pouco mais tarde tão polarizado e estereotipado quanto os valores que pretendia reformar (Darcy de Oliveira, 1991; Nolasco, 1993). Nas décadas de 1960 e 1970, a imagem da mulher oprimida pelo homem era uma constante nos argumentos feministas, mas a crença de que as mulheres foram

as únicas prejudicadas pela sociedade patriarcal já não se sustentava. Apesar de ainda haver alguma resistência a essa forma de abordar a problemática de gênero, não mais procede a postura maniqueísta, que coloca o homem no lugar do vilão e a mulher no de vítima. Os primeiros estudos sobre a masculinidade contemporânea já mostram a desconstrução da imagem antes inabalável do homem identificado com o papel de macho. Os estereótipos de herói, protetor, provedor, forte, seguro e até insensível já têm sido, em alguns casos, rejeitados pelos próprios homens, ao menos nas camadas médias urbanas (Nolasco, 1988 e 1993; Betcher e Pollack, 1993; Cuschnir e Mardegan, 2001; Diehl, 2002). Por outro lado, pensar o feminismo como principal responsável pela crise masculina contribui para que análises mais apressadas do fenômeno coloquem, dessa vez, a mulher como vilã. Alimentar a crença de que a mulher financeiramente independente e sexualmente “liberada” representa uma ameaça para o homem contribui para a perpetuação da já desgastada guerra dos sexos, só que, agora, com os sinais invertidos.

Aludindo à manifestação feminista que ficou conhecida pela queima de sutiãs em praça pública, Goldenberg (2000) se pergunta se os homens precisarão, analogamente, queimar suas gravatas. Os projetos de novas masculinidades, abraçados por aqueles que estão efetivamente engajados em expandir suas potencialidades para além de qualquer novo estereótipo emergente, não se limitam a repetições atualizadas da trajetória feminina. Da mesma forma, para esses homens não cabe falar em reação masculina às exigências feministas. Cremos estar presenciando o início de um movimento que Cuschnir e Mardegan Jr. (2001) chamam “masculismo” e que, apesar do que o termo possa sugerir, não consiste em mera adaptação daquele anteriormente perpetrado pelas mulheres. Os homens estão em busca de suas próprias soluções para uma problemática muito particular e, sem dúvida alguma, muito distinta das questões das mulheres e dos *gays*. Do mesmo modo, os modelos a serem adotados na construção do que chamam “o novo homem” não podem limitar-se a absorver características tradicionalmente femininas. O masculismo, movimento ainda incipiente, caminha no sentido de repensar os estereótipos vigentes e de construir novos modos de estar no mundo, para além das demandas e cobranças impostas historicamente aos homens. Haveria, por parte destes, um desejo genuíno de ocupar outros lugares e expandir suas possibilidades de realização no plano pessoal e afetivo (Betcher e Pollack, 1993; Nolasco, 1993, 1995 e 1997).

## Mudanças à vista, mudanças a prazo...

No Canadá e nos Estados Unidos, durante os anos 1960, surgiram os “grupos de homens”, que gradativamente se estenderam a outros países. Em suas discussões, esses grupos buscam novas representações para sujeitos que se querem diferentes do padrão estereotipado de invencibilidade e, para tal, trabalham questões relativas à paternidade, à sexualidade e ao comportamento física e moralmente agressivo. A paternidade é abordada em dois sentidos: na condição de filho de pai, cuja masculinidade foi definida em termos tradicionais, e na condição de pai, através do exercício de uma paternidade que se constrói segundo novos modelos e cria a possibilidade de engendrar nova geração de homens, realmente distinta das anteriores. Esses novos modelos, além de se basearem no resgate de uma paternidade mais amorosa, incluem também novas articulações sociopolíticas, não apenas a simples participação demagógica em atividades domésticas ou o mero desenvolvimento da habilidade de se emocionar em certas circunstâncias. Os esforços e a coragem que alguns homens têm demonstrado, ao se comportar de forma diametralmente oposta aos estereótipos masculinos tradicionais, devem ser reconhecidos. No entanto, as aspirações masculinas não devem se ater ao desempenho de novos papéis ou ao intercâmbio de papéis masculinos e femininos. Com efeito, mais do que à redefinição de papéis, a crise masculina diz respeito à instauração de uma nova ordem

que questiona e desconstrói o paradigma da hierarquia e do autoritarismo que norteava todos os aspectos da sociedade ocidental (Armony, 1995; Badinter, 1992; Dario, 2001; Jablonski, 1996 e 1999; Nolasco, 1993; Pereira, 1995).

O reflexo desse movimento já pode ser sentido, por exemplo, no desempenho masculino em tarefas ditas domésticas: limpar, lavar, passar, cozinhar, arrumar, organizar o dia-a-dia da casa, cuidar das crianças, incluindo suporte emocional, contribui para o bem-estar dos membros da família e para a manutenção do lar (Lee e Waite, 2005). Em comparação com os anos 1980, apesar de as mulheres ainda arcarem com a maior parte das tarefas domésticas, observa-se a tendência de, nos grandes centros urbanos, os homens participarem um pouco mais e as mulheres, um pouco menos (Bianchi *et al.*, 2000). O homem brasileiro, no entanto, segundo Dedecca (*Folha de S. Paulo* de 11/7/2005), se comparado com seus pares de países desenvolvidos, é um dos que têm mais dificuldades em participar ativamente do trabalho da casa, despendendo aí menos de uma hora diária. Araújo e Scalón (2005) constataram que o trabalho doméstico, entre nós, ainda continua sendo majoritariamente uma atribuição feminina. Para essas autoras, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho não implicou uma divisão mais igualitária das tarefas domésticas, ainda que haja indícios de maior participação masculina no cuidado dos filhos, mas não nas tarefas domésticas.

No campo da paternidade, os sinais parecem mais promissores. Magalhães (1993), em sua investigação sobre o casamento, observou que os homens tendiam a se perceber mais comprometidos com a família e os filhos, sobretudo a partir da vivência da conjugalidade. Segundo Elder (2005), muitos pais contemporâneos têm evidenciado uma espécie de *upgrade* em relação aos seus antecessores, pois se mostram mais próximos, companheiros e participativos nas atividades com os filhos. Ou seja, os homens mudaram mais como pais do que como maridos.

Em função desses dados, cabe ainda repensar a noção de crise que, em geral, remete à idéia de tensão, dúvida, perturbação de um estado de equilíbrio, mas também pode ser associada à idéia de transição, movimento, não necessariamente em direção a algo ruim, por mais que o desconhecido e o novo possam ser assustadores. Em chinês, a palavra correspondente a crise é uma combinação de duas outras palavras, perigo e oportunidade, o que leva a pensar a crise masculina não exclusivamente como uma ruptura problemática, mas como uma possibilidade de transformação e crescimento. Um momento de crise pode ser muito profícuo em ganhos jamais imaginados, de modo que a desconstrução de uma masculinidade obsoleta pode abrir caminho para a reconstrução de novas condições, talvez bem mais favoráveis a mulheres e homens.

É justamente no campo das oportunidades geradas também em períodos de crise que os limites podem ser transformados em possibilidades e, por essa razão, um novo projeto de masculinidade não deve culminar em nova descrição do que é ser homem, pois isso levaria de volta à tão questionada estereotipização. A desconstrução da identidade masculina tradicional deve propiciar novas formas de subjetivação e, se o paradigma atual é de inclusão, o mais coerente seria buscar não um novo homem, mas novas e múltiplas possibilidades de ser, independentemente de sexo ou gênero. A redefinição do masculino passa pela redefinição do feminino. O caminho trilhado por mulheres e homens leva a uma pluralidade identitária que permite aos sujeitos lançar mão de categorias livres de demarcações rígidas e empobrecedoras. Por essa razão, Hamawi (1995) e Armony (1995) não acreditam que possa surgir apenas uma resposta unificadora, relativa a todas as potencialidades descobertas e desenvolvidas por homens ou mulheres. Corroborando tal idéia, Pereira (1995) ressalta que nosso presente pós-moderno valoriza a ambigüidade, a fragmentação, a indefinição, enfim, as zonas cinzentas do comportamento.

Bauman (2000) chama o momento socio-histórico atual de modernidade líquida, contrapondo-o ao período anterior que, nesse viés semântico, seria uma modernidade sólida, inflexível e rígida. O



futuro pode parecer um pouco mais promissor, mas ainda requer que o homem seja corajoso, embora sua coragem deva ser aplicada a um outro campo de batalha. À primeira vista, a idéia de pluralidade, que tende ao infinito, parece muito sedutora, pois hoje não há nada tão fascinante quanto a liberdade de optar pela forma individual de viver a própria vida. As convicções individualistas fazem com que as pessoas anseiem por tantas oportunidades quantas for possível desejar, mesmo que desistam delas no meio do caminho. Por outro lado, a ambigüidade, a fragmentação e as possibilidades infinitas também assustam e provocam angústia.

## À guisa de conclusão

Diante desse cenário simultaneamente promissor e caótico, a imagem do homem perdido e amedrontado poderia ser apenas mais uma num universo habitado por subjetividades fragmentárias, instáveis e voláteis. Nesse sentido, a crença de que o motivo principal da insegurança masculina seja a independência feminina parece um reducionismo pueril.

No entanto, para melhor entendermos os limites e possibilidades do que hoje conhecemos como crise masculina, será preciso transcorrer mais tempo. Só a partir do distanciamento histórico será possível produzir interpretações mais abrangentes e menos parciais das transformações em andamento. Contemporâneos que somos do fenômeno, devemos nos contentar, por enquanto, com levantamentos iniciais de seus principais aspectos, aos olhos de hoje, o que evitaria conclusões precipitadas e julgamentos preconcebidos, que podem, por sua vez, levar à formação de novos estereótipos, substituindo ou complementando os inúmeros já existentes.

Não queremos dizer, evidentemente, que não se devam produzir novos estudos, em busca de respostas às inúmeras questões que se levantam à medida que observamos e experimentamos os acontecimentos e tendências que permeiam nosso cotidiano. Pelo contrário, a busca por respostas é indispensável à construção do futuro que queremos viver. Apenas é preciso estar atento ao fato de que a proximidade histórica pode turvar a visão. Nesse caso, as explicações obtidas devem ser encaradas como possibilidades e não como certezas definitivas. Assim, será possível empreender sempre novas reflexões acerca das transformações em curso.

### Abstract

Using a psychosocial approach, the authors discuss the limits imposed by gender stereotypes to the construction of a masculine identity, as opposed to the possibilities of subjectivity in a cultural scene of plural identities. Emphasis is given to the stereotyped socialization of boys, in a process where the social-historical context in which the parents grew up is superimposed to the one in which the boy is socialized, reinforcing certain gender beliefs. The traditional model of virility, which reigned absolutely until a few years ago, and valued characteristics such as ignoring emotional needs, competition, preoccupation with performance, authoritarianism, domination and oppression, is currently being questioned as the greatest pillar of traditional masculine identity.

Key words: Masculine identities; Subjectivity; Plural identities; Stereotypes.

## Referências

- Amélia moderna. (2005, 10 jul.). *Folha de S. Paulo*, Caderno Cotidiano, p. 1.
- Araújo, C. & Scalon, C. (2005). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV.
- Armony, A. (1995). Van Gogh: anunciador de uma nova masculinidade. In: Nolasco, S. (Org.). *A desconstrução do masculino*. (p.83-95). Rio de Janeiro: Rocco.
- Badinter, E. (1986). *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Badinter, E. (1992). *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barasch, M. (1997). Sexo e afeto no cotidiano do homem. In: Caldas, D. (Org.). *Homens*. (p. 93-119). São Paulo: Senac.
- Bauman, Z. (1997). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2000). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Betcher, R. W. & Pollack, W. S. (1993). *In a time of fallen heroes: the re-creation of masculinity*. New York: The Guilford Press.
- Bianchi, S. M., Milkie, M. A., Sayer, L. C. & Robinson, J. P. (2000). Is anyone doing the housework? Trends in the gender division of household labor. *Social Forces*, 79, 191-228.
- Burdon, B. (1998). Envolvendo os homens na vida familiar: se eles podem fazê-lo, por que não o fazem? In: Silveira, P. (Org.). *Exercício da paternidade*. (p. 81-90). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cuschnir, L. & Mardegan Jr., E. (2001). *O homem e suas máscaras*. Rio de Janeiro: Campus.
- DaMatta, R. (1997). Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: Caldas, D. (Org.). *Homens*. (p. 31-49). São Paulo: Senac.
- Dantas S, C. R., Jablonski, B. & Feres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: o que muda após a separação? *Revista Paidéia*, 14 (29), 347-355.
- Darcy de Oliveira, R. (1991). *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense.
- Dario, N. (2001). A identidade masculina e o movimento da emancipação da mulher. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 1 (1), 79-92.
- Deaux, K. & LaFrance, M. (1998). Gender. In: Lindzey, G.; Gilbert, D. T. & Fiske, S. T. (Ed.). *The Handbook of Social Psychology*. (v. 1, p. 788-827). Boston: McGraw Hill.
- Diehl, A. (2002). O homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. In: Wagner, A. (Org.). *Família em cena*. (p. 135-158). Petrópolis: Vozes.
- Elder, S. (2005). The emperor's new woes. *Psychology Today*, 38 (2), 40-46.
- Falconnet, G. & Lefaucheur, N. (1975). *La fabrication des mâles*. Paris: Seuil.

- Goldenberg, M. (2000). *O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia*. In: Goldenberg, M. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. (p.13-39). Rio de Janeiro: Record.
- Hamawi, R. (1995). *Que querem os homens?* In: Nolasco, S. (Org.). *A desconstrução do masculino*. (p. 9-12). Rio de Janeiro: Rocco.
- Jablonski, B. (1996). *Papéis conjugais: conflito e transição*. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Coletâneas da Anpepp: v. 1. Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal*. (p. 113-123). Rio de Janeiro: Anpepp.
- Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo* (2nd. ed.). Rio de Janeiro: Agir.
- Jablonski, B. (1999). *Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos*. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. (p. 55-67). Rio de Janeiro: Nau.
- Magalhães, A. S. (1993). *Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro.
- Nolasco, S. (1988). *Identidade masculina: um estudo sobre o homem de classe média*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro.
- Nolasco, S. (1993). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Nolasco, S. (1995). *A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero*. In: Nolasco, S. (Org.). *A desconstrução do masculino*. (p.15-29). Rio de Janeiro: Rocco.
- Nolasco, S. (1997). *Um homem de verdade*. In: Caldas, D. (Org.). *Homens*. (p. 14-29). São Paulo: Senac.
- Pereira, C. A. M. (1995). *Que homem é esse? O masculino em questão*. In: Nolasco, S. (Org.). *A desconstrução do masculino*. (p. 53-58). Rio de Janeiro: Rocco.
- Ramos, M. S. (2000). *Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade*. In: Goldenberg, M. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. (p. 41-59). Rio de Janeiro: Record.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Sennett, R. (1974). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Shoumatoff, A. (1985). *The mountain of names: a history of the human family*. New York: Vintage Books.
- Spence, J. T. et al. (1985). *Sex roles in contemporary american society*. In: Lindzey, G. & Aronson, E. (Ed.). *The handbook of social psychology*. (3rd ed., v. 2, p. 149-178). New York: Random House.

Stoller, R. (1985). *Masculinidade e feminilidade*: apresentações do gênero. Porto Alegre: Artes Médicas.

Trevisan, J. S. (1997). O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In: Caldas, D. (Org.). *Homens*. (p. 51-91). São Paulo: Senac.

Wang, M.-L. (2004). *Os últimos românticos?* Um estudo sobre masculinidade e expressão do sentimento amoroso. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro.

Wang, M.-L. (no prelo). Gênero: dos estereótipos à subjetivação. *Cadernos de Psicanálise*.